

## Dez passos adultos na direção da criança *performer*

Marina Marcondes Machado

Docente da Escola Superior de Artes Célia Helena

Doutora em Psicologia da Educação (PUC/SP) com pós-doutorado em Pedagogia do Teatro (ECA/USP)

Escritora e pesquisadora das relações entre infância e cena contemporânea

### Introdução: de onde vem este pensamento?

Esta reflexão propõe um caminho brincante, desenhado por “dez passos” na direção da criança *performer* – caminho que faz parte de muitos anos de convivência e pesquisa junto a crianças. Ensinei teatro na Escola Municipal de Iniciação Artística de São Paulo por vinte anos, bem como realizei minhas pesquisas de mestrado e pós-doutorado em um eixo esboçado pelo tripé infância / criação / cena contemporânea. A pesquisa de pós-doutoramento “Territórios do brincar”, concluída em 2010 (ECA/USP, bolsa FAPESP) me permitiu chegar ao seguinte construto: a criança é *performer*. Esta concepção dialoga e responde àquilo que a Sociologia da Infância nomeia a criança “ator social” e “protagonista”, partindo do ponto de vista das possibilidades da pesquisa fenomenológica junto a crianças: observação, registro e reflexão de seus modos de ser e estar em situações cotidianas.

Concomitante à minha pesquisa acerca da cotidianidade da criança pequena em situações de espera, debruicei-me sobre a leitura cuidadosa das concepções de infância de Merleau-Ponty (1990a; 1990b) e Sarmiento (1997; 2004; 2007; 2008). Percebi que as prerrogativas sobre a criança e a infância tais como discutidas por Merleau-Ponty nos Cursos na Sorbonne aproximam-se muito do que, 60 anos depois, a Sociologia da Infância denomina “a criança vista por ela mesma”. Trata-se da revisão da metodologia de pesquisa sobre a criança e a infância, algo formulado de maneira aparentemente simples e até pueril à primeira vista – *procurar ver a criança de seu próprio ponto de vista* – mas que, de fato, realiza uma reviravolta no anterior adultocentrismo:

Relativamente às metodologias selecionadas para colher e interpretar a voz das crianças, os estudos etnográficos, a observação participante, o levantamento dos artefatos e produções culturais da infância, as análises de conteúdo dos textos reais, as histórias de vida e as entrevistas biográficas, as genealogias, bem como a adaptação dos instrumentos tradicionais de recolha de dados, como, por exemplo, os questionários, às linguagens e iconografia das crianças, integram-se entre os métodos e técnicas de mais frutuosa produtividade investigativa. Porém, para além da técnica, o sentido geral da reflexividade investigativa constitui um princípio metodológico central para que o investigador adulto não projete seu olhar sobre as crianças, colhendo junto delas apenas aquilo que é reflexo conjunto dos seus próprios preconceitos e representações. Não há olhares inocentes, nem ciência construída a partir de ausência de concepções pré-

estruturadas, valores e ideologia. O que se encontra aqui em causa é, por isso, uma atitude investigativa, que, sendo comum às ciências sociais, é aprofundadamente teorizada no campo da Antropologia Cultural (Geertz, 1973/1989 e 1995) de constante confronto do investigador consigo próprio e com a radical alteridade do outro, que constitui o objeto da investigação. A “autonomia conceitual” supõe o descentramento do olhar do adulto como condição de percepção das crianças e de inteligibilidade da infância. (SARMENTO 1997:25-6)

É fundamental destacar a escolha de Sarmiento da expressão “para além da técnica”. No final do século XX, o caminho interdisciplinar entre pedagogia, antropologia e sociologia da infância permite que os adultos possam pensar em sintonia com aquilo que Merleau-Ponty já apontava nos anos 1940-50: pensamento em que se afirma que o erro das pesquisas sobre a criança foi a utilização de teorias desenvolvimentistas *a priori*, algo que fez com que os pesquisadores buscassem, no estudo do fenómeno da infância, o que “já sabiam”. E o que “já sabiam” era puro arcabouço teórico e grades compostas por concepções de faixas etárias, comportamentos adequados/inadequados, maturação/imaturidade neurológica etc. O que aparentemente não sabiam é o enorme potencial plástico, polimorfo das culturas da infância, quando tornadas visíveis.

Hoje muitos pesquisadores mudaram seu foco e suas lentes interpretativas encontram-se na direção da própria criança: Como vive? O que pensa? Como sente e se expressa diante de si, do outro e do mundo compartilhado?

### **Os dez passos que levam o adulto para perto da concepção da criança como *performer***

Ao esboçar a concepção da criança como *performer*, pude perceber a premente necessidade de explicitar aos adultos a mudança que esta leitura requer transformação nas suas atitudes mais corriqueiras. Como exercício de síntese, seguem-se “dez passos” naquela direção.

*Primeiro passo: Desconstruir fundamentos sobre a criança e a infância – especialmente os mais sólidos!*

Só é possível chegar perto da criança tal como ela se apresenta e vive o mundo se colocarmos entre parênteses todas as teorias sobre ela que já conhecemos. “Colocar entre parênteses” é fazer o que o método fenomenológico denomina “redução fenomenológica”: deixar de lado, ausentar-se do que já se sabe, de modo a procurar o novo no fenómeno estudado.

*Segundo passo: Apresentar a criança ao mundo em pequenas doses.*

Este passo se dá em sintonia com o que o psicanalista inglês D. W. Winnicott recomendava aos adultos cuidadores que exerciam a maternagem; a introdução por assim dizer homeopática dos dados de realidade permitem um percurso autobiográfico da criança

composto por atos performativos dos mais interessantes. Esclareço que “atos performativos” constituem toda e qualquer ação da criança que se mostre repleta de expressividade: seja um grito, um pulo, um dizer, um desenho, um bocejo...

*Terceiro passo: Positivar os atos performativos.*

Cabe ao adulto “ler” a corporalidade da criança de maneira sensível, inteligente e “total”. Essa leitura positiva seus modos de ser e estar, ou seja, dá aval e importância à comunicação da criança nesta linguagem, e não procura o que ali não está (conduta que negativa a maneira de ser das crianças, ao esperar dela outra coisa).

*Quarto passo: Inventariar os modos de ser e estar das crianças.*

Inventariar significa perceber, listar, registrar em palavra. Esta inventariação possibilita ao adulto colecionar atitudes, comportamentos, reações, *performances* da criança de maneira a enriquecer o significado dado pelo adulto a cada modo de ser.

*Quinto passo: Ler a vida cotidiana de maneira imaginativa.*

Na medida em que o olhar adulto aprimora sua capacidade para enxergar os atos performativos cotidianos da criança, a leitura de tudo que se inventariou há que ser imaginativa. Gaston Bachelard rompeu com uma forte dicotomia e concebeu a *razão imaginante*. Para fazer ciência humana sobre crianças, esta via é imprescindível.

*Sexto passo: Propiciar situações relacionais para que surja um espaço potencial entre todos: criança-criança, criança-adulto, criança-mundo.*

A noção de “espaço potencial” advém da obra do psicanalista Winnicott. Ele criou uma teoria sobre a criatividade; nela, haveria um “espaço potencial”, também chamado “área do consolo” ou “terceira área”, espaço que se cria entre a mãe e o bebê inicialmente, e depois, entre “eu” e “outros”. Este espaço “entre” é o lugar das relações humanas – nem dentro nem tampouco fora de mim – e que propicia inovação, troca e boas doses de desconhecimento.

*Sétimo passo: Propiciar à criança experiências mergulhadas na educação estética.*

No campo da linguagem teatral, podemos dizer que reconhecer a criança como “performer” é dar a ela oportunidades de diferentes materiais e composições é o caminho para iniciá-la no fazer artístico e na apreciação estética – sem forçá-la a apresentações, ensaios e compromissos formais: homenagem ao *work in process!*

*Oitavo passo: Compreender a infância como algo relacionado ao novo e um campo fértil para o surgimento de antiestruturas.*

Na medida em que percebo a criança como uma pessoa de pouca experiência vivida e curiosa, interessada no mundo, capaz, minha compreensão poderá dar abertura para que ela experiencie aquilo que o antropólogo Victor Turner nomeou “antiestruturas”.

*Nono passo: Estudar de modo cuidadoso os quatro eixos estruturadores da cultura da infância: interatividade / ludicidade / fantasia do real / reiteração.*

Este passo leva o adulto para um campo de pesquisa importante que é o daquilo que a criança mesma tem a dizer por meio de seus mundos de vida.

*Décimo passo: Buscar referências e apropriar-se delas, isto é, positivar seu próprio caminho de desconstrução e renovação de leitura dos mundos de vida infantis.*

Esta atitude liberta o leitor para seus próprios dez passos, mais dez, mais dez, outros dez: centenas de movimentos inter-relacionais com crianças e seus modos de ser e estar no mundo, gerando fluxo e contrafluxo: isso é vida significativa.

### **Conclusão: para onde vai esse pensamento?**

Espero que esse pensamento possa ir para além das prateleiras das revistas e dos livros: dez passos (*de elefante ou de formiga?*) para lá – onde a criança mesma se encontra, se manifesta, se transforma, se mostra e se esconde, cotidianamente. Penso ser este o modo de “descentramento do olhar adulto” ao qual Sarmento se refere, para perceber as crianças no mundo e conviver com elas.

E então... como pensar a realização de teatro para essa criança *performer*, bem como o campo do teatro e educação também voltadas para ela?

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MACHADO, M. M. “A criança é performer”. *Revista Educação & Realidade* 35(2): 115-138. Maio/agosto 2010.

MACHADO, M. M. *Merleau-Ponty & a Educação*. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2010.  
MERLEAU-PONTY, M. *Merleau-Ponty na Sorbonne/Resumo de cursos. Filosofia e Linguagem*. Campinas, Papirus, 1990a.

MERLEAU-PONTY, M. *Merleau-Ponty na Sorbonne/Resumo de cursos: Psicossociologia e Filosofia*. Campinas, Papirus, 1990b.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Org.) *As Crianças/ Contextos e Identidades*. Minho, Universidade do Minho, 1997.

TURNER, V. *O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.

WINNICOTT, D. W. *Tudo Começa em Casa*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.